

Invasão de Samambaia: 450 barracos e no mínimo 900 crianças

VIDAS ERRANTES

Freddy Charlson e
Paola Lima
Da equipe do **Correio**

Elas são todas iguais. Mesmo com origens dos moradores, tempo de existência e localização diferentes. Não só na estrutura quanto na própria perspectiva de vida, as áreas ocupadas e não regularizadas pelo Governo do Distrito Federal são muito semelhantes. Dados oficiais apontam: são 8.900 barracos. Somando todas as invasões, são 12 mil, nas contas do governo.

Os milhares de invasores espalhados pela

Estrutural, Brazlândia, Taguatinga, Samambaia, Recanto das Emas e Santa Maria convivem com água racionada e luz elétrica puxada por perigosas gambiaras. Os barracos — de um ou dois cômodos — são de madeirite, lona ou plástico. O chão de terra batida acomoda um ou dois eletrodomésticos durante o dia. À noite, é coberto pelos colchões.

Rodeados por cercas de arame farrapado, os barracos se amontoam em ruas irregulares onde o esgoto corre a céu aberto. Na seca, a poeira toma conta de tudo. Nas chuvas, é a vez da lama. Crianças sujas e seminuas brincam entre os barracos completando o cenário.

Desempregados e vivendo de pequenos bicos, os invasores têm em comum, além do medo da violência, a necessidade de se agarrarem a qualquer esperança que venha do governo. Por isso, passam os dias tentando participar dos programas assistenciais do GDF como o Pró-Família, o Bolsa-Escola e até das Frentes de Trabalho. Eleitores de Joaquim Roriz, eles apostam nas promessas de campanha do governador — como a de não "mexer" com invasores. E cobram os mimos prometidos no palanque.

Ontem à noite, o secretário de Segurança, Paulo Castelo Branco, avisou que vai acabar com as invasões. Mas não estabeleceu prazo.

Rovênia Amorim
Da equipe do **Correio**

O Jesus Cristo do Paranoá está se transformando em um Judas Iscariotes para o governo de Joaquim Roriz. O homem que encena a morte e a ressurreição do Filho de Deus, pelas ruas da cidade, não desiste da idéia de conseguir lote ou moradia para 4 mil pessoas filiadas a sua associação, o Movimento dos Inquilinos do Paranoá. O homem de barba comprida e rabo de cavalo tem roubado a simpatia do povo pobre do Paranoá, que mora de aluguel ou de favor.

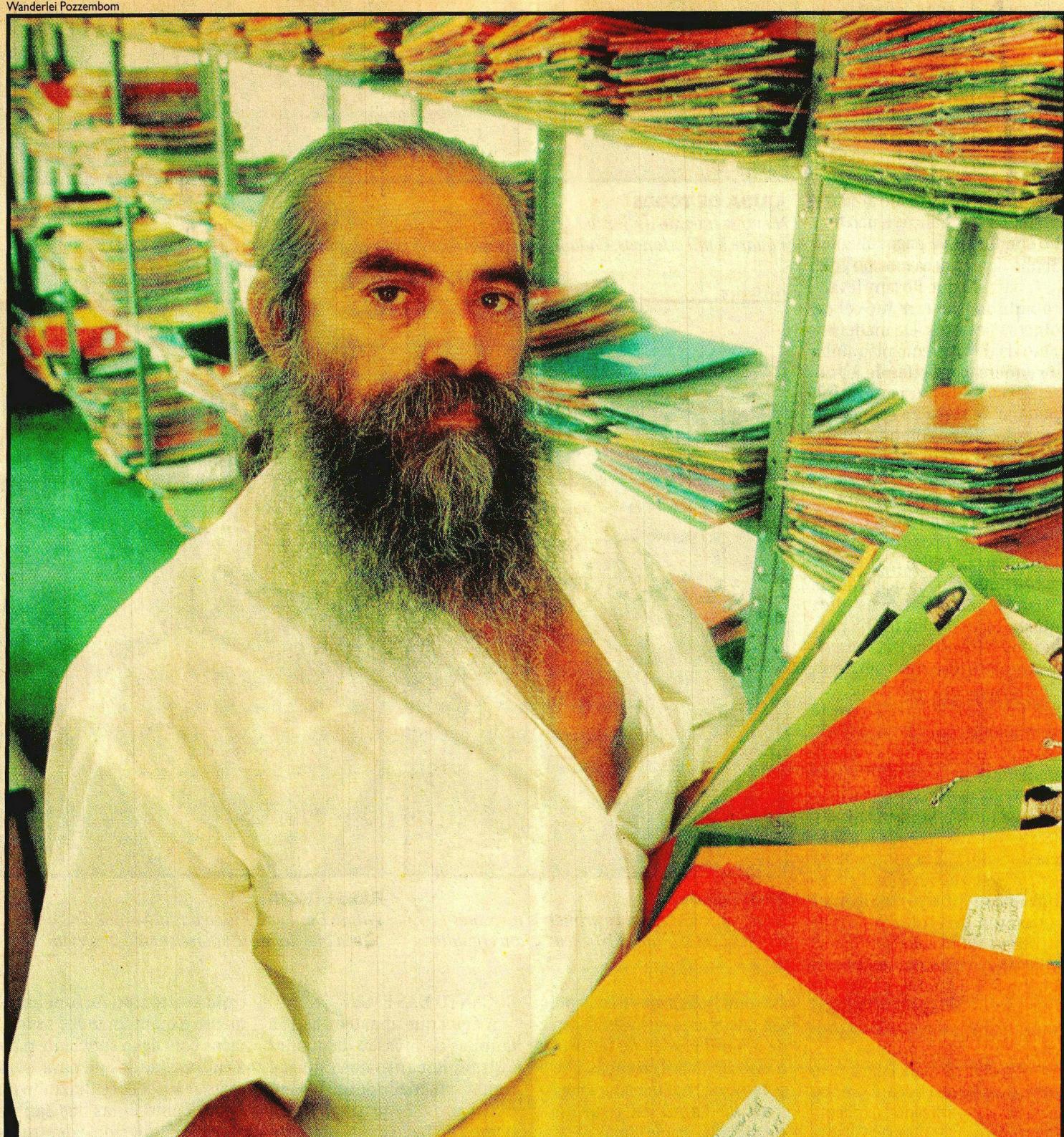
Ele encasquetou que quer a criação de uma área para assentear todo esse povo. E já mostrou que não está para brincadeira. Na véspera do feriado de 7 de Setembro, o líder comunitário de 44 anos, casado, pai de três filhos, conseguiu reunir 2.200 pessoas debaixo de uma plantação de eucaliptos, em frente às quadras ímpares do Paranoá. De uma noite para outra, 1.300 barracos de papelão, plástico preto e tecido mudaram a paisagem do lugar e assustaram os moradores das quadras próximas.

O acampamento foi a forma que o líder de nome Pedro César Ferreira Maravalho arrumou para pressionar o governo Roriz. Em cima de uma pick-up Peugeot, branca, Pedro Barbudo — assim a cidade o chama — exigia a criação da expansão do Paranoá. O discurso era afiado e de dar inveja a muito sindicalista. A multidão aplaudia. Mulheres e homens humildes absorviam cada palavra. Os olhos quase nem piscavam tal era a esperança naquele homem.

UM INCÔMODO

Até as crianças que corriam na poeira do lugar queriam alcançá-lo no palanque improvisado. Tentavam encostar na calça na mão daquele homem que a multidão endeusou. Mas na equipe do governo de Joaquim Roriz, Pedro Barbudo não é visto como um santo. Pelo contrário. O homem que votou no governador, que é filiado há 6 anos no PMDB e que foi preso nas últimas eleições por fazer boca de urna para Roriz está incomodando.

"Pedro Barbudo está fazendo politicagem. Gracinha para o



Pedro Barbudo reuniu 2,2 mil pessoas no Paranoá e conseguiu dissolver o acampamento de 2 mil barracos. E promete muito mais

povo", reclama o presidente do Instituto de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal (Idhab), João Carlos de Medeiros. "Ele está querendo complicar uma coisa que o governo quer resolver, mas que não dá para fazer em 24 horas." E o líder não está disposto a dar trégua aos assessores de habitação do governo Roriz.

No acampamento de 7 de Setembro, Pedro Barbudo admitiu ter confiança no governador, mas criticou o trabalho do presidente do Idhab e o da secretaria de Habitação, Ivelise Longhi. Ontem ele voltou a reafirmar sua ira. "Estou muito decepcionado com o secretariado de Roriz. São muito fracos. Não resolveram nada até agora", alfineta o

homem que é assessor parlamentar do deputado José Edmar (PMDB), na Câmara Legislativa.

Na verdade, o maranhense de São Luís, esperava que um dos dois assessores de Roriz aparecesse no acampamento. Os invasores chegaram a votar pela permanência no lugar, mas recuaram depois que Maravalho decidiu dar mais uma chance ao

governo. As barracas foram desfeitas e a invasão desapareceu tão rapidamente quanto surgiu. Mas o líder promete revanche. Hoje, às 9h, ele pretende reunir uma multidão de sem-teto na Praça Central do Paranoá.

"Pode surgir uma nova ocupação. Coragem nós temos. São 4 mil pessoas em potencial, prontas para invadir. Não está dando

mais para segurar o meu povo", avisa Maravalho. "É um absurdo o que ele está fazendo. Está incitando e enganando as pessoas", reclama a secretária Ivelise Longhi, que tenta junto ao Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) a liberação de uma área para a expansão do Paranoá.

OUTRO ACAMPAMENTO

Para ganhar os lotes, os moradores estão dispostos a tudo. A andar 28 quilômetros até chegar à porta do Palácio do Buriti ou a montar outro acampamento. Só que desta vez com barracos de madeirites. "É só o PMDB pisar na bola comigo para surgir uma nova ocupação bem rapidinho. Só preciso do meu povo", diz o caçula de oito irmãos, que chegou ao Distrito Federal quando tinha 11 anos.

Foi jardineiro, chofer até se virar por conta própria. Vendedor de colcha, panela e roupa de porta em porta até abrir uma lojinha que depois transformou em fruteria e em restaurante na antiga invasão do Paranoá. Hoje vive do salário de assessor na Câmara e do aluguel de uma loja, no térreo da prédio inacabado onde mora.

A peregrinação na sua casa não pára. São pessoas que levam documentos. Em um corredor fechado, com vistas para a rua do comércio, no segundo andar da sua casa, fica a sede do movimento. A papelada é organizada em pastas de elástico coloridas, empilhadas numa estante encostada na parede. Maravalho não se incomoda com o movimento. Levanta a mão e sorri simpático. Sempre demonstra estar bem disposto. Incansável.

Por ora, ele não cobra nada do povo pela filiação. "Deus me defenda, não sou político. Não quero ser candidato a nada. Mas

já preciso de alguém que o defende", diz o neto de uma índia patoxó, que só usa botina. O celular toca o tempo todo. Ele não faz segredo do número. São pessoas que querem saber da manifestação na Praça Central. A propaganda é feita de boca a boca. Em cada uma das 34 quadras do Paranoá, há um amigo do líder encarregado de juntar o povo.

■ Mais invasão nas páginas 2 e 3